

A mulher do pombo

UNS POMBINHOS NA PRAÇA DO CORETO fariam bem à cidade. Primeiro falou assim, desinteressada, meio distraída, à mesa do jantar, entre roer uma e outra ponta da coxa do frango. Mas, com o tempo, tornou-se mais enfática, dizendo isso também aos vizinhos e às visitas que vez ou outra ela e o marido se obrigavam a receber. Não acha que teríamos mais cara de cidade se andassem uns pombos na praça? Hein, não acha? Passados alguns anos, Bragança se tornou tão insistente nesse assunto que virou persona non grata, desagradável e até um pouco agressiva, chegando a chamar de piranha a mulher de um vereador que disse que tinha nojo de pombos e que, se algum aparecesse no telhado da casa dela, meteria chumbo. Não entendia como alguém podia não gostar dos pombinhos e argumentava em favor deles em toda ocasião que se apresentasse. Pombo é bicho bonito, calado, não faz algazarra nenhuma, voa e pronto. Não é à toa que tudo quanto é praça de capital tem pombo. Enfeitariam a cúpula do coreto, são lindos. Mas vocês são uns ignorantes, uma gente sem cultura, sem educação, uma gente que mal conhece a capital de Goiás! Bragança começou a odiar o povo da cidade, tanto os ricos quanto os pobres. Quando passava

na rua, riam dela, de seu amor, cochichavam lá vai a doida, ao que ela empinava a cabeça e marchava em frente. Bragança era convincente em sua interpretação de superioridade, mas não lidava bem com essas coisas, sentia-se humilhada, perdeu o sono muitas vezes. Os rostos de escárnio, os nomes feios sussurrados, os risos, tudo voltava enquanto ela treinava o discurso em frente ao espelho.

Cidadãos de Buriti Pequeno, a presença do pombo é indício da civilidade de um povo. Falava como se fosse ela a prefeita e não o marido, que dessa história de pombo andava farto. Todas as grandes capitais da nação, no seu processo civilizatório, introduziram essa ave em seus espaços públicos. Não é possível que Buriti Pequeno seja o único município brasileiro a recusar a presença desses animais que, se não são majestosos como os pavões, apresentam a graça das galinhas-d'angola, com a vantagem de serem silenciosos e planarem pelos céus. Criatura de Deus, o pombo é uma flor que voa. Tudo isso foi escrito por Bragança em um caderno de capa dura que ela usava para tentar uns poemas. Não lia tanto, mas simpatizava com a poesia, e escrevia com certa regularidade, a ponto de se considerar uma Cora Coralina, porém mais jovem e mais elegante. Nos últimos dias, Bragança usou o caderno para compor o discurso da soltura dos pombos que mandou encomendar em Goiânia. E pensar que fazia tanto tempo, a ideia dos pombos. Fazia anos. Agora que o marido de Bragança era dono de milhares de cabeças de gado, quem a impediria de soltar seis pombos?

Fechou o caderno sobre a penteadeira e foi à área de serviço admirar os animais, três casais distribuídos em três gaiolas de bambu. Segurando um bocadinho de fubá, ela abriu a portinha de uma das gaiolas e tentou fazer com que comessem à mão. Não deu resultado — talvez estivessem satisfeitos ou, mais provável, com medo da mão cuja proximidade lhes era suspeita.

Abanaram asas, se embolaram, arrulharam; não tiveram interesse naquela amizade. Bragança se sentiu um pouco ofendida, mas buscou relevar; se Deus tivesse dado aos pombos entendimento, certamente seriam mais agradecidos. Botou o fubá no comedouro, fechou a portinha e limpou a mão na saia. Aproximou o rosto da segunda gaiola para ver de perto os olhos dos pombos. Eram avermelhados, inquietos, idiotas, mas perigosamente misteriosos, como são os olhos de todos os animais, o que levou Bragança a afastar o rosto. No conjunto, assim de longe, somando penas, bicos, pés, unhas e porte, eram animais bonitos. Bragança adorou a coleirinha verde brilhante que eles tinham em volta do pescoço, o grumo branco sobre o bico, a carnhinha alaranjada dos pés. Só estranhou os olhos mesmo. Sentiu vontade de tomar um deles nas mãos, de segurá-lo como a um bebê, junto às mamas, mas teve medo de se atrapalhar. Melhor deixar para depois. Não demoraria até que ela própria soltasse cada um daqueles pombos, que esse gosto não daria a ninguém. O prazer dos outros seria ver, ouvir o farfalhar das asas perfeitas, contemplar as silhuetas emolduradas pelo céu azul. Mas botar a mão, não. Nem o marido-prefeito, nem os nove vereadores, nem o padre, não. Ela e só. Estava decidido.

Bragança não era ridicularizada apenas pelo gentio, pelo povo que cochichava e ria quando ela passava na rua. O marido fazia chacota, dizia que aquela era uma ideia estúpida: quem precisa de pombo, Bragança? O homem precisa é de vaca, boi, porco, galinha, cachorro bravo. O resto não serve para nada, ele dizia. Pombo dá leite, Bragança? Pombo bota ovo para fazer uma omelete? Pombo rende bife, couro, farinha de osso? Pombo cuida do quintal, corre ladrão? Vê? Pombo é bicho que não presta, não serve para nada, ninguém precisa. No pensamento da mulher, o marido não tinha compreensão porque quase não saía da fazenda. Passava dias inteiros de olho na imensidão

dos campos, até o horizonte sem uma árvore, só os bois e o silêncio dos bois, com o vento soprando mudo sobre o capim verde. Da fazenda, ele saía para despachar na prefeitura, coisa rápida, de uma ou duas canetadas, quando então aproveitava para ver o que ela aprontava na casa da vila, onde morava com a empregada a maior parte do tempo. Depois o marido voltava para a fazenda, levantando poeira com os pneus grossos da caminhonete. Era uma cabeça que não entendia de pombos.

Além dele, outros questionaram a ideia de Bragança. Muita gente fez pouco caso, todos os vereadores e o médico da cidade, que ainda alertou sobre o risco que aquelas aves apresentavam à saúde das pessoas. A doença do pombo é praticamente incurável, ele disse, ainda mais em uma cidade com poucos recursos, não faz sentido trazer para Buriti Pequeno um animal considerado tão repugnante quanto os ratos. Mas Bragança já havia estado em oito capitais e sabia que não era verdade. Há pombos por todas as praças de todas as cidades do mundo e ninguém vê as pessoas caindo pelas beiradas por doença alguma. Fora muitas vezes a Goiânia e a Brasília, sobretudo depois que o marido assumiu a prefeitura, e uma vez a São Paulo, quando se casou, quarenta anos atrás, para passar a lua de mel em Santos. Sempre que viajava, tirava fotos dos pombos, até dos mais feios, e sonhava com o dia em que eles estariam em sua terra natal. Não deu pelota para o médico, tampouco para a professora que alertou que as fezes dos pombos são ácidas e estragam os monumentos — isso era problema de mínima importância, para não dizer de importância nenhuma, já que em Buriti Pequeno, afora a cruz do Largo, não há monumento de qualquer tipo.

Com razão, Bragança não quer dividir a alegria da soltura. Não era mais nem a mulher do prefeito. Era a mulher do pombo. Uma noite, depois da missa de domingo, quando passava em frente à lanchonete, ouviu uns moleques que comiam em uma

mesa de metal dizerem lá vai a mulher do pombo, uma completa falta de respeito, inclusive com seu sobrenome. Se tem algo que toda a Buriti Pequeno já ouviu dizer é que ela tem um pé na realeza, parenta distante da princesa Isabel, embora não saiba precisar o grau. A mulher do pombo. Pois que seja! Agora que a praça ganharia vida, que eles alimentariam os bichos nas tardes ensolaradas com floquinhos de pipoca, dariam à sua ideia o devido valor. A mulher do pombo. Desaforados, analfabetos, encardidos. Uma gente que nunca saiu de Goiás nem para dar um peido.

Foi por isso que quando as arrobas abundaram, quando chegaram às centenas, aos milhares, ela exigiu do marido-prefeito uma viagem à Europa. Ele ganhava dinheiro como nunca e tudo o que fazia era encher o pátio da fazenda de caminhonetes, gastar com churrasco, cachaça de alambique, revólver, espingarda e outras coisas de homem. Filhos, não tinham para mandar estudar fora. Então o dinheiro ia escoando nessas rudezas, coisas das quais ela não tirava proveito, já que não sabia beber, atirar ou dirigir. Que o marido fizesse ao menos esse esforço para agradá-la, uma viagem ao exterior, e nunca mais precisariam imaginar como é a luz em outros lugares, onde as pessoas vivem de outro jeito e falam outras línguas. O marido não tinha gana de ir, estava satisfeito em Goiás, mas foi a única maneira de se livrar da ladainha da mulher. Com a ajuda da assessora, comprou um pacote de dez dias na Europa, saindo de Guarulhos para Lisboa, e tiveram aquilo que muitos chamam de segunda lua de mel, que é uma lua de mel sem sexo e com mais dinheiro do que costumam ter os recém-casados.

Foi essa viagem que deu a Bragança os definitivos argumentos de que precisava para convencer a gente de Buriti Pequeno. Trouxe tantas fotos com pombos, alimentou tantos pombos em Lisboa, Barcelona, Roma e Paris, mesmo sendo multada nesta

última cidade por contribuir para o fortalecimento de uma praça urbana, que ninguém falou mais nada. Que a maluca mandasse trazer os bichos. Quanto custaria o desejo dela? Uma mixaria, duzentos reais o casal, e isso que pagaram caro. Ela preferiu não arriscar com os casaizinhos de trinta reais, magros e oleosos, que a assessora do marido-prefeito mostrou na tela do computador. O que pesou foi o transporte. Pela delicadeza da carga, trazer seis pombos de Goiânia a Buriti Pequeno custou tanto quanto encher uma carreta de gado, nas contas do marido. A Bragança pareceu tudo muito justo; não fossem os bichos adoecer no caminho por economia porca. Que viessem no bem-bom, a comer e a beber água fresca em carro de passeio. Ela os queria fortes e saudáveis para o momento que àquela hora se aproximava.

Quando ouviu a campainha, soube que eram os funcionários da prefeitura. A empregada os deixou passar, mas Bragança deu ordem para que esperassem junto à porta da área de serviço. Esvaziou as vasilhas de água, trocou as folhas de jornal das bandejas que já estavam cobertas de merda, cobriu as gaiolas com fronhas brancas, queria que fosse uma surpresa, e mandou os rapazes carregarem com cuidado. Chegando à prefeitura, que não se esquecessem de repor a água e que não deixassem a gaiola em lugar abafado nem pegando muito sol. Rindo, os rapazes saíram com as gaiolas, desceram as escadas, atravessaram a ruazinha de paralelepípedos e cruzaram a praça do coreto, onde mais tarde aconteceria o ato. Bragança, pela primeira vez em muitos anos, chorou. Um choro miúdo, discreto, um arrulho. A empregada, que naquele momento servia o café, nem percebeu.

O figurino para a cerimônia estava escolhido e esticado sobre a cama, terno floral com camisa de cetim feitos pela melhor costureira de Goiás, meia-calça fio sete, brincos e colar de pérolas de rio. De calcinha e sutiã, Bragança abriu a gaveta da

penteadeira e tirou de lá a relíquia do padre Pelágio, um pedacinho do barrete que ele usava nas missas em Trindade. Beijou com reverência a relíquia e a meteu no sutiã, onde pintas pretas respingavam sobre um seio pálido e amolecido. Fez o sinal da cruz. Divino Pai Eterno, vós concedestes ao padre Pelágio o sentido das coisas divinas e humanas. Por isso, ele viveu para vós e para o vosso povo. Por isso, ele acertou o caminho que vai até os necessitados e sofredores. Pela intercessão do padre Pelágio, atendei o meu pedido. Concedei-me a graça que vos peço com fé e confiança. Então Bragança falou com Jesus, de olhos fechados, soprando coisas secretas, coisas em que ela acreditava. Feitas as tratativas, voltou a rezar em voz alta, um pai-nosso, uma ave-maria, uma glória ao pai. Preferia rezar de calcinha e sutiã, flertando com a nudez, que era a condição natural do homem no paraíso, embora o padre a tivesse censurado em confissão por essa prática. A senhora goza da péssima inclinação dos adamitas, dizia o padre, sem olhar para ela, cabisbaixo no confessionário. Bragança não sabia o que era um adamita, mas ficou sem jeito de perguntar, uma vez que o padre falava como se fosse óbvio. Depois de botar a roupa, ela passou perfume, maquiagem e escovou os cabelos, ouvindo o carro de som que passava perto a convocar o povo.

O marido-prefeito apareceu para acompanhá-la. Desceram juntos as escadas da frente, pararam no último degrau para que o fotógrafo fizesse um retrato, os funcionários da prefeitura e da câmara municipal aplaudindo, e atravessaram a rua. O carro de som, agora estacionado, tocava funk e sertanejo. O pipoqueiro distribuía saquinhos pequenos de pipoca e a mulher do dono do mercadinho, no comando de uma caixa de isopor, dava guaraná em copos de plástico, tudo pago com dinheiro da prefeitura, ao povo o que é do povo, a Deus o que é de Deus, conforme lema de campanha do marido-prefeito. Bragança se

sentou em uma das cadeiras reservadas às autoridades, embora não tivesse vontade de se sentar, encalorada, o sapato apertado, o refrigerante quente, doida para ter com os pombos. Queria que a festa chegasse logo ao ápice, que aquilo mesmo, aquela bagunça, não tinha graça nenhuma.

Olhou em torno e viu a juventude nervosa, de boca frouxa e malvada, uma fonte de eletricidade e euforia. Se Bragança pudesse escolher, não estariam ali. Reparou que os homens, muitos de chapéu roto e botina barrenta, não comiam pipoca, não tomavam refrigerante, não sorriam, só olhavam desconfiados a lambança dos outros. Tinham cor de tijolo, botões abertos no peito, mãos feitas de calos e feridas antigas. Gente assim não sabe brincar de nada, ela pensou. Mas as mulheres eram diferentes. Conversavam, comiam pipoca com filhos e netos, gritavam com eles, bravas, carinhosas, algumas magras, outras pançudas, e aproximavam a festa daquilo que Bragança queria que fosse. As mulheres e as crianças, que só falavam dos pombos. Cadê os pombos, tia? Cadê os pombos? Bragança, na luta da espera, arrancou fora o paletó floral, porque também ela só pensava nos pombos.

Às três da tarde, mandaram desligar o carro de som e falaram ao microfone as autoridades de praxe, sobretudo o marido-prefeito, que era sempre quem falava mais. Por último, enquanto traziam da prefeitura as gaiolas, foi a vez de Bragança. Abriu o caderninho de capa dura, pigarreou, ignorando os risinhos da mocidade, e com a voz um pouco trêmula começou a ler o discurso. O povo prestou atenção até as gaiolas chegarem, depois ninguém mais quis saber da mulher do pombo. As crianças entraram em polvorosa, as mulheres se aproximaram para ver, os homens de chapéu, mesmo tentando manter alguma indiferença, esticaram o pescoço para assuntar. Criatura de Deus, o pombo é uma flor que voa. À última frase do discurso, que nin-

guém escutou, se seguiram um aceno de cabeça da primeira-dama e os fogos previamente combinados. Zum, zum, pow, pow, pow, shshshshi. Os pombos nas gaiolinhas dobraram asas ao avesso, e se bicaram, e se cagaram, e se amontoaram uns sobre os outros, como fossem morrer. Bragança sentiu os joelhos amolecerem. Se acontecesse algo aos pombos, era capaz que caísse dura no meio da praça, de desgosto. Parem, parem os fogos! Ela gritou e acenou, mas nem era necessário; os fogos eram só aqueles mesmo.

Passado o susto, os bichos foram se ajeitando de novo nas gaiolas, olhos arregalados, vivíssimos. Respondendo à convocatória do prefeito, o povo começou a jogar pipoca para eles, aos montes, uma quantidade que nem cem pombos comeriam. Os floquinhos, misturados aos copos de plástico arrebitados e grudentos de refrigerante, formaram um tapete de imundícies no chão da praça. E mais e mais pipoca, sem parar, até que a primeira-dama tomou coragem de abrir uma das gaiolas. Bragança pegou um pombo, apertando-o com cuidado, e jogou o relutante animal no ar. Ele subiu meio metro e caiu no chão, mas parou de pé, sem drama. Pôs-se a comer freneticamente enquanto o povo, ainda mais ouriçado, esvaziava os saquinhos de pipoca. Com o segundo pombo, aconteceu o mesmo. E com o terceiro. E com o quarto. E com o quinto. Apenas o sexto não comeu — caiu com uma das asas estropiada, esticada ao longo do corpo roliço. Ferido no ardor dos fogos, não teve apetite. Os demais comeram feito loucos.

O marido-prefeito mandou o carro de som voltar com a música e abriu uma lata de cerveja oferecida por um correligionário, gargalhando de alívio. Finalmente estava livre dos pombos. Os jovens dançavam, se abraçavam, cantavam, bebiam Corote de morango no gargalo e fumavam Winston. Atiravam longe as garrafinhas de Corote vazias, que rolavam e se acumulavam

pelos meios-fios. Dos homens de chapéu, não restou nenhum. Já as mulheres continuaram pela praça, mas cuidando de seus assuntos, conversadeiras, de costas para o lixo onde os cinco pombos são comiam como se nunca tivessem se alimentado. As crianças catavam as pipocas e jogavam para cima, às vezes para os pombos, jogavam umas nas outras, até botavam na boca o que pegavam no chão, brincando desvairadas. Um funcionário da prefeitura recolheu a ave inválida de volta à gaiola, por instinto e iniciativa dele, que ninguém estava preocupado com isso, nem mesmo Bragança. A ela, só importava que um dos pombos sadios voasse, ao menos um, antes que a praça ficasse vazia. Mal respirava apertada nas roupas quentes e no sapato horrível, olhos ávidos sobre os pombos, suarenta, alucinada, morta de sede. Mas os pombos, desgraçados, que tudo viam e de tudo sabiam, se recusaram a voar.